

A loucura como crítica e negação da lógica e da pretensão ao universal, em “Darandina”, de Guimarães Rosa

Aline Elen Santos Galvão

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira

N. USP: 13551076

FFLCH-USP

E-mail: aes.galvao@usp.br

Como observou Hansen (2012), Guimarães Rosa interveio no cânone literário brasileiro, de sua época, através da forma e do sentido estético e político de suas obras. Para Hansen: “a ficção de Guimarães Rosa é moderna e nega a normatividade de qualquer estética universal” (HANSEN, 2012, p. 121). Vale a pena dar destaque a representação da loucura na literatura de Guimarães Rosa, que muitas vezes através da arte ganha uma força de resistência. O escritor não só valoriza os personagens considerados loucos, como também tenta apresentar sua voz sem submetê-la à razão, seja por meio da inclusão de enigmas que não se revelam a explicações racionais, seja equiparando ou sobrepondo o valor da lógica dos personagens considerados loucos ao alcance das percepções dos sujeitos considerados condizentes com a “normalidade”. Muitas vezes “Darandina” foi aproximado do conto “O alienista”, de Machado de Assis, pois é possível notar pontos em comum nos contos. Em Machado de Assis, o Simão Bacamarte, médico psiquiatra responsável pela Casa Verde, tenta encarcerar a loucura em seu hospital, mas termina descobrindo que ele mesmo estava tomado por uma espécie de loucura e, portanto, decide se internar na Casa Verde. Como notou Oliveira (2001), no entanto: “Machado de Assis não escapa das limitações científicas de sua época” (p. 80), essa seria a grande diferença entre Guimarães Rosa e Machado de Assis, uma vez que Rosa não submete a loucura aos pressupostos racionais. Em ambos os textos a racionalidade quer encarcerar o que se acredita ser a doença mental como desvio da norma, mas é a razão que enlouquece, entrando em colapso, sobretudo em Machado. No conto de Rosa, a razão se mostra fracassada para aprisionar os múltiplos sentidos que a loucura, liberta no topo da árvore, é capaz de produzir. O conto “Darandina” resgata sentidos de um momento em que atribuíam à loucura percepções anteriores ao posicionamento social de exclusão do louco, pois retrata a loucura por um prisma mítico, místico e sagrado, e ainda como questionamento das barreiras sociais, sugerindo alternativas para lidar com os desvios da norma. No conto estão presentes significados que eram atribuídos à loucura pela Antiguidade, (período em que o louco era visto dentre outras coisas como um sábio e, por isso, a sociedade lhe atribuía algum prestígio) como uma forma de buscar alternativas para lidar com a loucura sem resultar na exclusão dos sujeitos com comportamentos desviantes. Na escrita de Rosa, a loucura, em vez de ser submetida a exclusões, é representada como instrumento de inclusão e reage aos estigmas históricos que foram construídos ao longo dos séculos, retomando, dentre outras coisas, o seu lado lírico e sua experiência trágica, com base na valorização da sensibilidade do louco e na aceitação da lógica dos excluídos, do não sentido e do não enquadramento em pressupostos racionais.

Rosa não propõe a exclusão da racionalidade e a substituição pela sabedoria do louco, ele aponta a necessidade de não se fechar para o diferente.